

Brasil foi à Antártida há cem anos

CMP 1.2.1.53

ULISSES CAPOZZOLI

Enviado especial à Antártida

A não ser por uma ligeira diferença nos pontos de reabastecimento, o navio oceanográfico da USP "Professor Besnard" realiza praticamente o mesmo trajeto desenvolvido há 103 anos pela corveta Parnahyba na primeira aventura brasileira nas vizinhanças antárticas.

A corveta Parnahyba servida por velas e quatro caldeiras a vapor foi designada para transportar a comissão científica brasileira que ia estudar a passagem do planeta Vênus pelo disco solar no dia 6 de dezembro de 1882.

O imperador d. Pedro 2º, entusiasta da ciência e particularmente da astronomia, assumira em Paris, em 1881, o compromisso de participar juntamente com cientistas de outros países da observação do fenômeno que só se repetiria no ano 2004. A passagem de Vênus pelo disco solar permitiria aos cientistas obter a paralaxe solar, determinando assim a distância entre a Terra e o Sol.

A Parnahyba foi escolhida entre as embarcações da Marinha Imperial por duas razões: era bastante econômica e ao mesmo tempo desenvolvia boa velocidade, o que compen-saria o atraso da comissão brasileira em relação aos cientistas alemães, que há muito já tinham transportado para a região, no povoado de Magalhães, atual Punta Arenas, no extremo sul do Chile, todos os instrumentos de pesquisa.

As economias do imperador, no entanto, não foram o bastante para poupar o projeto do fogo cerrado dos políticos e da imprensa. Os anais do Senado do Império registram a veemência de Silveira da Motta, político que dizia "há muito observar a predileção dos reis pela astronomia". Para ele, o povo "quer estradas de ferro, muito café, muito fumo,

muita liberdade individual e governos econômicos e moralizados".

A imprensa não foi menos agressiva nos ataques ao imperador. O traço irreverente do chargista Ângelo Agostini, da Revista Ilustrada, uma das publicações mais populares da época, reproduzia em suas páginas d. Pedro 2º como um maluco que dispensava um celestial interesse pelo que se passava nos céus mas não ligava a mínima pelos acontecimentos terrenos.

A Parnahyba levantou ferros na tarde neblada de quarta-feira, 26 de outubro de 1882, do Porto do Rio de Janeiro com seus três grandes mastros sustentando as velas enfunadas pela brisa do mar. Os políticos estavam irritadíssimos. Não se conformavam com as despesas de 120 mil contos de réis que a expedição iria consumir.

Até Montevidéu, a corveta percorrerá dez mil e trinta milhas náuticas no curto espaço de quatro dias de navegação, contemplada por bons ventos, principalmente ao largo da costa gaúcha, em cujo extremo o navio "Professor Besnard", esteve atracado entre os dias 8 a 11 deste mês.

No dia 7 de novembro de 1882 a Parnahyba foi atingida por uma tempestade típica dos mares austrais quando aproximava-se do porto desejado, no litoral da Patagônia. Na madrugada do dia 9 surgiram no horizonte os primeiros sinais de terra com os previsíveis efeitos de distorção visuais provocados pela refração atmosférica numa região de absoluta ausência de vegetação. De acordo com as anotações do comandante da Parnahyba, Luiz Felipe de Saldanha da Gama, as miragens nesta região sucediam-se como num imenso caleidoscópio. Os registros de bordo do comandante da Parnahyba, referindo-se ao litoral, anotavam que "ora o seu perfil crescia de modo desmesu-

rado, ora as partes mais salientes, as colinas, se apresentavam invertidas no espaço entre as nuvens mais baixas. Como as manifestações fantásticas de um sono agitado. O mar confundia-se com o firmamento. A espuma das vagas assemelhava-se a ligeiros flocos brancos espalhados sobre o céu azul. A Parnahyba parecia transportada para um mundo fantástico".

Ao penetrar as águas do estreito de Magalhães a corveta foi atingida pelos ventos e só a custo conseguiu atracar na baía da Possessão no final da tarde do dia 8 de novembro. Três dias depois, com antecedência de um dia em relação ao prazo previsto, a Parnahyba chega ao seu destino, em Punta Arenas. Ali já estava todo o material pesado da expedição. Os cientistas se dividem, uma parte fica em Punta Arenas e os restantes a bordo da corveta, segue para a baía dos Contramestres onde, numa depressão do terreno, abrigada dos ventos, o telescópio é instalado.

O grande dia, 6 de dezembro, desponta com o céu aberto e uma brisa agradável. Está tudo preparado. A partir de 8 horas da manhã os primeiros sinais de Vênus entrando no disco solar começam a ser identificados. Ao meio dia, no entanto, num comportamento típico da região, as condições meteorológicas mudam bruscamente, frustrando as observações da ilha. As seis horas da tarde a Parnahyba retorna a Punta Arenas. Seus passageiros estão desolados, rememorando as críticas da imprensa e dos políticos. Em Punta Arenas, no entanto, estava reservada uma grande surpresa. Os fenômenos foram perfeitamente observados. Além de Punta Arenas, o Brasil havia enviado uma comissão de cientistas a Olinda e a Ilha de S. Thomas, nas Antilhas. O sucesso maior, no entanto, foi obtido com a expedição do Sul.